

DOSSIÊ DEVOÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

doi: [10.25247/paralellus.2024.v15n36.p023-050](https://doi.org/10.25247/paralellus.2024.v15n36.p023-050)

**EXPRESSÕES RELIGIOSAS NA AMAZÔNIA: MISSIONÁRIOS,
PADRES, PASTORES E LEIGOS NO MARAJÓ¹**

RELIGIOUS EXPRESSIONS IN THE AMAZON: MISSIONARIES, PRIESTS,
PASTORS AND LAY PEOPLE IN MARAJÓ

EXPRESIONES RELIGIOSAS EN LA AMAZONIA: MISIONEROS,
SACERDOTES, PASTORES Y LAICOS EN MARAJÓ

*Vanda Pantoja**

RESUMO

Esse artigo foi produzido a partir de dados de campo coletados na Região Marajó, das memórias de missionários em suas biografias e de dados estatístico do IBGE dos anos de 1991, 2000 e 2010. A questão que orienta nossas problematizações é o crescimento pentecostal em cidades e vilarejos da região, tendo como centralidade compreender como sacerdotes e leigos se comportam frente à situação de mudança religiosa, tendo em vista o processo de conversão do catolicismo ao pentecostalismo. As cidades e vilarejos do Marajó têm, além de outras matrizes religiosas, forte tradição católica em razão do processo de catequização ocorrido no século XVII, apesar disso, tem sido contínuo o crescimento pentecostal na região desde 1911. A pesquisa aponta para as tensões presentes no processo de adaptação de uma religião à outra, mas também mostra as adaptações do repertório pentecostal frente ao imaginário amazônico, caracterizado pela diversidade de crenças cristãs e não cristãs.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

* Doutora em Ciências Sociais (UFPA/PPGSA-2011), Mestre em Antropologia(UFPA/PPGSA - 2006), Graduada em Geografia (UFPA/2004). Professora associada III da Universidade Federal do Maranhão/ Campus II. Líder do Grupo de Pesquisa Território, Desenvolvimento, Gênero e Modernidade - TDeGeM. Atua no Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFMA. E-mail: vanda.pantoja@ufma.br.

Palavras-Chave: Amazônia Marajoara; Católicos; Evangélicos.

ABSTRACT

This article was produced from field data collected in the Marajó Region, from the memories of missionaries in their biographies and from statistical data from the IBGE for the years 1991, 2000 and 2010. The question that guides our problematizations is the Pentecostal growth in cities and towns, villages in the region, with the centrality of understanding how priests and lay people behave in the face of the situation of religious change, in view of the process of conversion from Catholicism to Pentecostalism. The towns and villages of Marajó have, in addition to other religious matrices, a strong Catholic tradition due to the catechization process that took place in the 17th century, despite this, the Pentecostal growth in the region has been continuous since 1911. The research points to the tensions present in the process of adapting from one religion to another, but also shows the adaptations of the Pentecostal repertoire to the Amazonian imaginary, characterized by the diversity of Christian beliefs and non-Christians.

Keywords: Marajoara Amazon; Catholics; Evangelicals.

RESUMEN

Este artículo se basa en datos de campo recogidos en la región de Marajó, en las memorias de los misioneros en sus biografías y en estadísticas del IBGE de 1991, 2000 y 2010. La cuestión que orienta nuestras problematizaciones es el crecimiento del pentecostalismo en las ciudades y aldeas de la región, con foco en la comprensión del comportamiento de sacerdotes y laicos frente al cambio religioso, dado el proceso de conversión del catolicismo al pentecostalismo. Los pueblos y aldeas de Marajó tienen, además de otras matrices religiosas, una fuerte tradición católica debido al proceso de catequización que tuvo lugar en el siglo XVII. A pesar de ello, el crecimiento pentecostal en la región ha sido continuo desde 1911. La investigación señala las tensiones presentes en el proceso de adaptación de una religión a otra, pero también muestra las adaptaciones del repertorio pentecostal al imaginario amazónico, caracterizado por la diversidad de creencias cristianas y no cristianas.

Palabras clave: Amazonia Marajoara; Católicos; Evangélicos.

1. PENTECOSTAIS NA AMAZÔNIA

A região Marajó² é um recorte ge que compreender 16 municípios localizados no extremo norte do estado do Pará. O território é comumente chamado de ilha do Marajó, fazendo parte de dezenas de outras pequenas ilhas que formam o

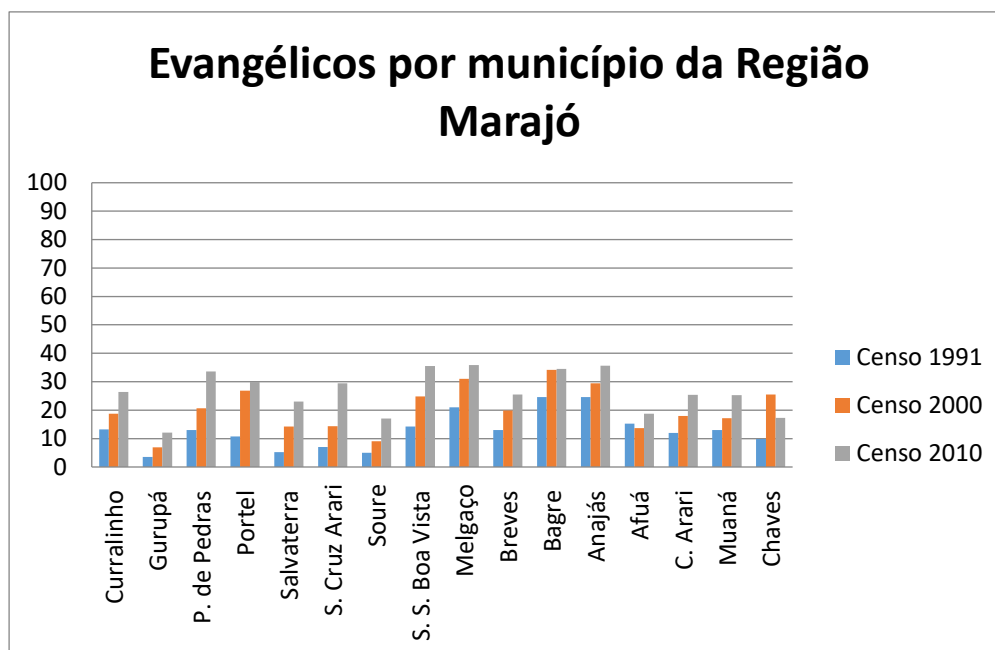
² A Região de Integração Marajó é composta por 16 municípios, nela está localizado o arquipélago do Marajó. Na grande ilha que nomeia o arquipélago se localizam 12 dos 16 municípios. A coleta de dados foi feita entre os anos de 2007 e 2016 tanto em municípios da Ilha quanto do continente.

arquipélago do Marajó. São 12 os municípios que compreendem a grande ilha e 4 os demais municípios que, localizados no continente, fazem parte desse recorte territorial. Os 16 municípios têm baixos IDH's, altos índices de analfabetismo, de desnutrição, de prostituição infantil e são marcados pela ausência quase que completa de políticas públicas no que refere a assistência à saúde e à educação. Para o cenário nacional o Marajó é visto como um lugar paradisíaco, com belas praias de mar e de rio, celeiro de animais exóticos, porém muito pobre e distante de qualquer lugar. Foi pra esse lugar que no início da primeira década do século XX, em 1911, os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg direcionaram seus trabalhos de evangelização um ano depois de terem chegado ao Brasil.

É no rastro das memórias de Vingren e de Berg registados em suas biografias, complementadas com dados coletados em campo no período de 2007 a 2011 por ocasião da pesquisa para a tese de doutoramento e, posteriormente, em 2016, em um retorno a campo, e com auxílio de dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE que nos propomos compreender como uma região de tradição religiosa católica popular reage e se adapta aos processos de conversão ao pentecostalismo no interior da Amazônia.

O trabalho iniciado com a chegada dos missionários Berg e Vingren há mais de cem anos não cessou de prosperar, primeiramente na capital paraense e, em seguida, para o interior do Pará e para as outras regiões do país. Nos anos 2000, quando o Brasil se surpreendeu com o avanço pentecostal, dados os números do censo daquele ano, os marajoaras eram parte das estatísticas dos convertidos. No gráfico abaixo organizamos o crescimento pentecostal entre as décadas de 1990 e 2010, a partir de dados dos censos do IBGE.

Gráfico 1



Organizado pela autora.

No gráfico 1 observamos que da década de 1990 até os anos de 2010 o pentecostalismo teve movimento ascendente em 15 dos 16 municípios da região, apenas um município, Chaves, apresentou queda no número de evangélicos entre os recenseamentos de 2000 e 2010. Se tal crescimento chamou atenção dos cientistas sociais preocupados com as relações entre religião e sociedade em ambientes urbanos e centrais, em áreas periféricas do Brasil, o fenômeno não deixou de acontecer.

Em cidades relativamente pequenas, como as da Região Marajó³, o ser evangélico tem, por si só, um status diferenciado, sobretudo para as famílias mais humildes. No pensamento dominante local, os usos e costumes adotados por algumas denominações são bastantes atrativos, em especial as vestes, mas não apenas. No imaginário local a forma de vestir-se como evangélico (com poucas partes do corpo à mostra, cores sóbrias e ausência de acessórios) está diretamente relacionada ao prestígio e, em alguns casos, ao caráter, de uma pessoa, sobretudo ao tratar-se de mulheres, mas não apenas; pequenos e médios comerciantes gostam de ostentar a condição de evangélico, sendo a filiação religiosa um adjetivo na hora da apresentação. Tal condição imprime a quem ostenta ar de seriedade e honestidade.

³Em 2010, de acordo com o IBGE, o município mais e menos populoso, respectivamente, era Breves com 92.860 e Santa Cruz do Arari com 8.155 habitantes.

Assim, é muito comum que as pessoas façam questão de manter muito zelo em parecer ser um evangélico. Não basta ser evangélico, é necessário *parecer* um evangélico. Quando convertidos, os novos membros das denominações se perguntam sobre qual é a diferença que faz ser evangélico e usar as mesmas roupas, acessórios e manter os mesmos hábitos de quando estavam fora da igreja? E finalizam dizendo que se for pra ser “igual” aos “outros” é melhor não ser evangélico.

A questão da diferenciação em relação ao outro é importante quando se coteja evangélicos com católicos, mas também se apresenta pertinente quando se compara evangélicos com evangélicos. O pertencimento denominacional é muito caro aos marajoaras e varia de lugar para lugar, apenas em grau, mas não em natureza. As vestes são um ponto importante de identificação de certa identidade evangélica, assim como o círculo de amizades, os lugares frequentados e as *performances* sociais no trato das coisas do cotidiano. A denominação Assembleia de Deus, chamada doravante de AD, é a denominação de maior alcance na Ilha.

Boyer (2008) compreende que o grande alcance da Assembleia no interior da Amazônia é devido ao prestígio dessa denominação, advindo, em grande parte, da noção de pionerismo atribuída à mesma. Esse pioneirismo não evitou a estratificação da Assembleia de Deus, é muito frequente que um número importante de denominações presentes nas sedes municipais seja de dissidentes ou de “disciplinados”, como são chamadas localmente as pessoas que são convidadas a deixar a AD. Estes, insatisfeitos com as orientações da Igreja, saem e fundam sua própria denominação, geralmente arrebatando alguns fiéis consigo.

O fenômeno da cisão é responsável por atualizar uma prática muito comum entre os evangélicos, presente inclusive, no mito de origem da Assembleia de Deus no Brasil protagonizado pelos seus fundadores Gunnar Vingem e Daniel Berg que teriam fundado a denominação após processo de cisão com os Batistas na capital paraense no início do XX.

Na Amazônia Brasileira, a trajetória do pentecostalismo não ocorreu de maneira diferente da ocorrida no resto do Brasil. Foi caracterizada pela presença de missionários americanos, anglo-saxões, alemães e suecos, daí nas palavras de

Willens, citadas por Boyer (2008), “l’Amérique du sud est moins un nouveau continent à évangéliser qu’une extension dela frontière del’Ouest”(p, 25).

Segundo as pesquisas de Boyer, a palavra evangélica tem se propagado na Amazônia, recorte macroregional no qual o Marajó está inserido, graças à grande mobilidade das pessoas ocasionada pelas frentes de migração. A autora acima citada enumera três episódios temporais desse processo migratório: a) final do século XIX com o advento da borracha; b) início da segunda década do século XX, quando centenas de trabalhadores migraram para a Amazônia, especialmente da região Nordeste do Brasil, para trabalhar no cultivo do látex da seringa e; c) na década de 1970, por meio dos programas de migração dirigidos pelo Governo Federal e a abertura de rodovias, que facilitaram a comunicação via terrestre da Amazônia com o resto do Brasil. No início do século XX, a propagação do pentecostalismo se deu por meio da ação lenta, porém contínua, de missionários (BOYER, 2021).

Além da migração entre as regiões acima mencionada, Boyer identifica os processos de migração intra-regional como um dos fatores responsáveis pela propagação da mensagem evangélica, segundo essa autora os amazônidas são obrigados a se mover constantemente graças às características *naturais* da região. Além das considerações da autora, minhas observações têm revelado que a circulação dos marajoaras nos municípios da Ilha é constante e cíclica, sendo motivado por: festas coletivas, em especial as religiosas dedicadas aos santos e às santas do catolicismo popular; os festivais locais, sejam cívicos ou não, e os festejos de família como casamentos, batizados, nascimentos e funerais, esses eventos são os responsáveis por, durante o ano todo, promover encontros entre os habitantes de diferentes municípios e vilarejos e, conseqüentemente trocas materiais e simbólicas.

Em termos de distribuição espacial dos evangélicos pela Amazônia Brasileira, Boyer comenta que a presença dos mesmos é particularmente notada tanto nas grandes aglomerações quanto nos pequenos vilarejos localizados ao longo das estradas ou às margens dos rios.

La présence evangélique est certes particulièrement visible dans les grandes agglomérations, avec l’édification de temples aux dimensions imposantes, mais elle est tout aussi notable dans des villes de moindre envergure, où l’on voit souvent de nombreuses dénominations dans l’espace

restreint est plus aisément perceptible. En outre, il n'est pas aujourd'hui un hameau installé sur la bras de fleuve ou un noyau de peuplement des fronts pionniers qui ait une église ou une "maison de prière", en dur ou en bois, couverte de paille ou de tôle où se réunissent régulièrement les crenes, et que l'on aperçoit au bord des rives et des chemins (BOYER, 2008, p. 23-24).

Quanto à estrutura física dos templos, as mais elaboradas estão nas sedes municipais, ao longo dos rios temos pequenos casebres fazendo a função de templo religioso. Entre os anos de 2007 e 2011 as denominações levantadas durante a pesquisa foram 22⁴.

A assembleia de Deus é a denominação mais presente na região Norte do Brasil e na ilha do Marajó também. Essa denominação tem templos em todos os municípios e em todas as localidades. Nas sedes municipais a AD congrega as pessoas "mais importantes" do lugar, conserva muito rigor nos usos e costumes, especialmente em relação às mulheres, possui os maiores e mais bem localizados templos em relação às outras denominações, com exceção das igrejas católicas que sempre se localizam nos lugares mais importantes nas cidades e vilarejos. A presença evangélica nessa parte da Amazônia brasileira chama a atenção pelo fato de essa região ter sido um lugar de forte tradição católica, tendo em vista o processo de catequização dos indígenas nativos da Ilha ter sido levado a cabo por ordens religiosas católicas que estiveram na Amazônia desde 1617⁵, imprimindo certa "pedagogia" católica, especialmente a jesuítica, nessas terras da Amazônia⁶.

⁴As denominações presentes na área pesquisada são: Assembléia de Deus, Assembléia de Deus Mãe, Assembléia de Deus do Brasil, Assembléia de Deus Madureira, Assembléia de Deus Missionária, Igreja Internacional de Graça de Deus, Igreja Evangélica Pioneira, Igreja Cristã Evangélica, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Batista, Igreja Presbiteriana, Igreja Universal do Reino de Deus, Comunidade Evangélica Integrada da Amazônia, Igreja Mundial do Poder de Deus, Adventista da promessa, Adventista do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová, Deus é Amor, Igreja Cristã do Brasil, Nova Aliança, Santuário de Deus e Igreja da Vinha.

⁵No total foram seis as Ordens Religiosas que atuaram na Amazônia Colonial: Franciscanos da Província de Santo Antonio (1617); Carmelitas (1626); Mercedários (1639); Jesuítas (1653); Franciscanos da Piedade (1693); Capuchos da Conceição (1706). Essas ordens foram responsáveis por atuar em diferentes partes da Amazônia tendo como principal função tanto evangelizar os índios como manter as fronteiras protegidas de possíveis invasões estrangeiras.

⁶Os jesuítas estiveram no Brasil por 210 anos e na Amazônia por 107 anos, de 1653 a 1760, de acordo com isso Capistrano de Abreu (1907) considera que a influência dos mesmos no Brasil "deve ter sido considerável". Maués (1968, p.20) é da mesma opinião quando diz que de todas as ordens que estiveram no Brasil e, particularmente na Amazônia, a dos jesuítas "ocupa um lugar bem mais vasto na nossa História".

2. O MITO DE ORIGEM

Nunca me esquecerei daqueles pequenos cultos de oração com os seringueiros das ilhas em redor de Belém. Eles costumavam vir todos os sábados com suas canoas para se reunirem na casa de um irmão. Permaneciam reunidos até domingo à tarde, quando voltavam em suas canoas remando e cantando por todo o caminho (VINGREN, 2000, p, 53).

O trecho acima faz parte das anotações de Gunnar Vingren, missionário sueco que com Daniel Berg, também sueco, foi responsável pela introdução do evangelismo de vertente pentecostal na Amazônia paraense, e posterior exportação para outras regiões do Brasil.

Vingren e Berg chegaram à Belém em 1911, após relativo processo de consolidação, iniciaram os trabalhos de divulgação do pentecostalismo na região Norte e, posteriormente, para outras regiões do Brasil. A vinda dos dois ao Pará foi atribuída, segundo suas memórias, a uma missão que ambos teriam recebido após uma experiência pentecostal. Nessa experiência teriam recebido um sinal de que teriam que partir em missão para um lugar no Brasil chamado Pará (VINGREN, 2000; BERG, 1972; FRESTON, 1994), e assim eles fizeram.

Chegaram ao Pará no dia 19 de novembro de 1910, quatorze dias após terem deixado o porto de Nova Iorque nos EUA. Em Belém, eles travaram contato com Justus Nelson, pastor metodista que morava na cidade; informaram que eram Batistas e então eles foram levados até o pastor dessa denominação, um sueco enviado dos Estados Unidos chamado Erik Nilson. Como eram Batistas, ficaram congregados nessa denominação.

Vingren relata em seu diário que a chegada de ambos “ecoou rapidamente nas quatro igrejas protestantes da cidade⁷, e eles eram frequentemente convidados por essas igrejas para fazer louvores” (2000, p. 37). Na Igreja Batista eles ficaram apenas como congregados, não exerciam nenhuma função de direção dos cultos.

Mais ou menos em maio de 1911, foi permitido pelos diáconos Batistas que Vingren dirigisse um culto de oração, foi nesse culto que “sintomas de incompatibilidade

⁷As denominações eram: Batista, Presbiteriana, Anglicana e Metodista.

doutrinária”, que já eram presentes entre os suecos e os dirigentes da Batista, apareceram de fato. O diário de Vingren relata que a desconfiança era tamanha que os diáconos acompanharam seu trabalho de bíblia aberta para conferi suas interpretações da Palavra.

As anotações do diário dos missionários deixam entender que a partir desse culto, Vingren e Berg passam a realizar celebrações fora da Igreja Batista, especialmente na casa de fiéis Batistas, uma dessas pessoas era Celina Albuquerque que, curada de uma “doença grave nos lábios”, foi a primeira “batizada no Espírito Santo em terras brasileiras” (VINGREN, 2000, p,40).

O episódio de cura de dona Celina teria contribuído para que Berg e Vingren ganhassem mais seguidores entre a membresia Batista e, conseqüentemente, mais desconfianças entre os diáconos. A incompatibilidade doutrinária vai desembocar na expulsão dos mesmos da Igreja Batista em 13 de junho de 1911, em um culto “extraordinário” no qual os dirigentes ordenaram que todos que estivessem de acordo com a “nova seita” que se levantassem, “dezoito se levantaram”.

Segundo as memórias de Daniel Berg (1972), o rompimento entre eles e os Batistas não se deu em um culto “extraordinário” na Igreja Batista, como deixa supor o texto de Vingren, mas, sim em uma das pequenas reuniões de culto que os suecos realizavam no porão onde se hospedavam. Reuniões estas que costumavam se estender até a madrugada. Assim teria se dado o episódio do rompimento com os Batistas, segundo as memórias de Berg.

As visitas dos membros da nossa igreja ao nosso quarto-corredor eram cadavez mais intensas. Desejavam orações por suas vidas. Alguns já tinham recebido o batismo com o Espírito Santo e muitos doentes tinham sido curados. Resolvemos por isso improvisar cultos naquele local apertado. Em uma daquelas noites o pastor apareceu em nossa modesta morada. Quando abriu a porta defrontou-se com uma onda de hinos e orações. Nós nos levantamos, e depois de saudá-lo oconvidamos para participar daquele culto improvisado. Ele recusou nosso convite e declarou que havia chegado a hora de tomar uma decisão. Disse que ultimamente ouvira discussões acerca de doutrina, coisa que nunca antes acontecera. Acusou-nos de haver semeado dúvidas e inquietações no meio dos irmãos e de sermos separatistas (BERG, 1972, p. 54).

O rompimento com os irmãos batistas se deu de maneira traumática, pois eles levaram 18 membros da igreja Batista, fato que teria causado muito aborrecimento ao pastor que passou, segundo os mesmos, a chamá-los de “falsos e traidores”, por meio de publicações que mandara preparar, tais publicações tinham como objetivo, na opinião de Berg, prevenir as demais igrejas contra os suecos.

Saídos da Batista, Vingren e Berg começaram a se reunir na casa dos “irmãos” onde “antes os Batistas faziam cultos”, realizando “muitos batismos nas águas lamacentas do rio Guamá” e “muitas curas”, sempre muito “perseguidos” por católicos. Os cultos eram realizados sempre em lugares improvisados, mas, tinham como ponto de pregação principal a residência de dona Celina que não demorou muito para se transformar em nova “igreja” na cidade que, mesmo sem registro, funcionava a “todo vapor”. As anotações do diário de Vingren contam com 13 batizados nas águas e 4 no Espírito Santo no ano de 1911; em 1912 esse número teria subido para 41 batismo nas águas e 15 no Espírito Santo; em 1913 seriam 140 e 121 respectivamente; 190 batizados nas águas e 136 no Espírito Santo eram os convertidos no ano de 1914 (VINGREN, 2000, p. 71). A sede própria da igreja somente fora comprada em 1917 e o registro de pessoa jurídica ficou pronto em janeiro de 1918⁸.

Após sentirem que o trabalho estava sólido na capital paraense eles começaram a expandir a obra para vários lugares do Pará, sendo a Ilha do Marajó no extremo Norte, a cidade de Bragança no Nordeste paraense, e os vilarejos ao longo da Estrada de

⁸A compra de uma sede própria para a Igreja só teria se dado, segundo Vingren em 1917, anexo à igreja havia uma casa que servia de residência para os missionários que a dividiam, de início eram 5 pessoas. Nesse mesmo ano de 1917, em outubro, Vingren casou-se com Frida Strandberg e mudou-se para outra casa. Das correspondências de Frida, seu filho Ivar, transcreve as descrições deixadas por ela, de como eles viviam na Belém de 1917. “Querem saber como moramos? A casa é feita de terra amassada, é pintada de branco nos dois lados e tem três quartos. Todos os móveis de um dos quartos consistem em uma escrivaninha do irmão Samuel, uma estante de livros feita de um caixote, uma mesa não pintada e algumas cadeiras. O telhado é de grossas vigas com telhas redondas em cima. O chão é bom, mas é feio e muito grosso, os outros quartos são de dormir. Neles há somente uma cama com a necessária rede contra os mosquitos. Quando a pessoa se deita, então puxa a rede em cima de si e da cama e fica deitada como que dentro de um saco transparente. Eu, em vez de deixar os mosquitos do lado de fora, os encerrei dentro da rede comigo. Mas dormi bem da mesma forma. Acordei altas horas da noite. Era um barulho terrível. A cidade está cheia de...galinhas. Todos têm galinhas e galos. Era o seu concerto da madrugada que eu estava ouvindo. Quando cantam parecem gritar exageradamente. Temos também aqui uma pequena galinha que é bem educada, sempre está no pátio. As outras costumam passear dentro de casa, junto com os membros da família. Temos também um cachorro que se chama Syea; parece bem sueco. À noite fomos ao culto. Não moramos na mesma casa onde está a igreja. Desde longe ouvimos os cânticos. Já havia escurecido às sete horas da noite. O local da igreja é bonito: todo branco contrastando com o verde escuro. Sobre a porta está escrito: “Assembléia de Deus” (VINGREN, 2000. p. 100).

Ferro Belém-Bragança⁹, os primeiros lugares a serem visitados em missão, 1911 e 1913 seriam as datas respectivas (BERG, 1972; VINGREN, 2000).

Nas pesquisas de Boyer (2008) e Cetrulo Neto (1994), o avanço do pentecostalismo para outras paragens do Pará, teriam se dado um pouco mais tardiamente, 1913 para o Marajó e 1914 para a vila de Bragança. Para esses autores somente no ano de 1916 trabalhos de evangelização em cidade ao longo da Estrada de Ferro teriam surgidos.

Para outras regiões do Brasil o avanço pentecostal teria iniciado ainda no ano de 1914, sendo o ponto inicial a viagem de Vingren para o Estado do Ceará, onde já teria encontrado duas igrejas erguidas pelo missionário Adriano Nobre¹⁰. Outro missionário, Joaquim Batista de Macedo, também teria passado nos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, na mesma época.

1918 é um ano importante para os pentecostais, é a data de registro da Igreja como pessoa jurídica com o nome de Assembléia de Deus, é também nesse ano que o casal de missionários Joel e Signe Carlson, recém-chegados ao Brasil, segue para o Estado de Pernambuco, para iniciar missão.

Em 1920, o evangelista Clímaco Bueno Aza, segue rumo ao Nordeste, até o Maranhão, inaugurando o pentecostalismo por essa região. Nesse mesmo ano, Vingren decide expandir a obra para o Sudeste Brasileiro. Com destino ao Rio de Janeiro ele passou por várias cidades: Fortaleza, onde José Moraes já havia começado os trabalhos; Recife, cidade em que visitou o casal Carlson; Salvador, Vitória e finalmente chegou ao Rio de Janeiro; ficou uma temporada e depois seguiu para Santa Catarina, passando antes por Santos, em São Paulo. Nessa época, Vingren também realizou viagem com sua esposa e filho pelo Amazonas. Uma década de trabalho no Brasil é assim avaliada por Vingren:

Conforme já foi mencionado, Daniel Berg e eu chegamos ao Pará no dia 19 de novembro de 1910, pouco depois Deus nos deu colaboradores, pois temos um evangelista brasileiro, cujo sustento vem dos Estados Unidos. No ano de 1916 hegaram aqui os irmãos

⁹Primeira ferrovia construída na Amazônia, sua extensão era de 222 km, ligava a capital paraense à cidade de Bragança. Teve sua construção iniciada em 1883 e seu último trecho ficou pronto apenas em 1908.

¹⁰Adriano Nobre, presbiteriano, filho de seringalistas no Pará, era comandante de navio da Companhia Porto of Pará, por falar inglês, foi um dos primeiros contatos de Gunnar e Daniel no Brasil.

Samuel e Lina Nystron. Temos um novo colaborador, o irmão Crispiniano F. de Melo, que é sustentado pela Igreja no Pará. Em 1917 conseguimos outro colaborador, irmão Clímaco Bueno Aza, que é sustentado pela Igreja Filadélfia, em Skovde, Suécia. Em 1918 Deus nos enviou também os irmãos Joel e Sign e Carlson, os quais trabalham em Pernambuco. No ano de 1914 vieram também Otto e Adina Nelson, que começaram a obra em Alagoas. Neste ano de 1920 Deus nos deu uma grande ajuda na pessoa do querido irmão José Moraes, que antes era pastor presbiteriano aqui no Pará (VINGREN, 2000, p. 120).

Em 1924, Vingren decide mudar-se com sua família para o Rio de Janeiro, Daniel Berg já estava morando com a família em Vitória, Espírito Santo, desde 1923. Como pastor da igreja de Belém ficou o missionário Samuel Nystron.

A passagem da gestão pentecostal para brasileiros se deu em 1930, na Conferência de Pastores e Missionários, realizada em Natal – RN. Nesse evento esteve presente o pastor sueco e amigo de Vingren, Lewis Petrus. O grande assunto da conferência foi a entrega da direção do trabalho pentecostal no Norte do Brasil para os brasileiros. Após a conferência, Lewis Petrus voltou para a Suécia, Daniel Berg também retornou “para um período de descanso”, Vingren ficaria no Brasil até o ano de 1932, quando regressaria para Suécia, vindo a falecer no ano seguinte.

3. NA GRANDE ILHA

A relação de Vingren e Berg com os brasileiros foi fundamental para a solidificação e difusão do pentecostalismo no interior da Amazônia. Foi a partir do contato com esses, que os missionários começaram as primeiras viagens para evangelizar pelos rios e furos da grande Ilha.

Vingren teve sua primeira experiência na Ilha ainda em 1910. No mês de dezembro daquele ano, Vingren realizou sua primeira viagem ao Marajó, fora levado por seu amigo Adriano Nobre, membro da Igreja Presbiteriana, que mais tarde se converteria para a Assembléia de Deus e atuaria como missionário no Nordeste. A família de Eduardo Nobre explorava látex na região do Furo do Rio Tajapuru. A viagem pelo rio da floresta amazônica foi relatada no diário do missionário.

Fomos levados por um mundo romântico, dominado por imensas selvas com grandes orquídeas e cipós por todos os lados. Não havia

estrada na selva fechada e misteriosa, ou qualquer vereda por onde pudéssemos caminhar com segurança. Viajamos durante todo o tempo pelo rio. As casas eram edificadas em cima de pilares de madeira, na margem muitas vezes lamacenta do rio. Vimos muitos animais selvagens na floresta. Por todos os lados vimos macacos e jacarés. Quisemos tomar banho no rio, mas fomos proibidos por causa dos muitos perigos. A comida que nos deram era muito simples: farinha, arroz e feijão cozido com água e sal, carne seca e café sem leite. Era sempre a mesma comida e sempre preparada da mesma forma. Ao chegarmos onde moravam os parentes do irmão Adriano Nobre, realizamos pequenas reuniões e cantamos em português da melhor maneira possível. Nossa permanência ali durou um mês e meio (VINGREN, 2000, p. 38).

Vingren retornaria por mais três vezes ao Tajapuru no ano de 1912. Sobre a última visita anotou em seu diário o quão estava contente com o progresso da evangelização naquela região. Em outubro de 1911 ele embarcou rumo ao município de Soure onde batizou pessoas e teve problemas com o “sacerdote católico”.

Nesse mesmo dia os católicos tinham preparado um ataque contra nós, e escreveram sobre um poste de luz: “Esse Vingren é um papa protestante”. No dia seguinte, o sacerdote católico rasgou publicamente um exemplar do Novo Testamento. No dia cinco de novembro, sete pessoas foram batizadas nas águas, e no dia doze, mais sete novos irmãos foram batizados. Tudo isso aconteceu em Soure (VINGREN, 2000, p. 51).

O missionário relata como se organizaram as primeiras igrejas da Assembléia de Deus na Região do Marajó e nos arredores de Belém.

No início de 1913, visitei Bragança, Quatipuru, Igarapé Açu e Soure. Depois voltei para Belém. Da metade do ano passado até hoje [é o ano de 1913] trinta e uma pessoas foram batizadas no Espírito Santo em Tajapuru, graças a Deus! Em 1912, no início do ano o irmão Isidoro Filho foi consagrado pastor e colocado na direção da igreja em Soure, e no princípio de 1913 o irmão Absalão Piano também foi separado para o apostolado e passou a dirigir a Igreja em Tajapuru. Compramos dois terrenos para a futura construção de templos nesses lugares. Até agora os cultos têm sido realizados na casa de irmãos, como é o caso do irmão Gaspar, que mora a um dia de viagem de canoa para o interior (VINGREN, 2000, p. 62).

Não se sabe ao certo se Berg, que se manteve ocupado na função de fundidor por algum tempo, acompanhou Vingren em suas primeiras incursões pelo Marajó, isso porque quando eles chegaram a Belém não tinham dinheiro para pagar as aulas de português, decidiram, então, que Berg arranjaría um emprego enquanto Vingren

estudaria durante o dia, e a noite ensinaria a Berg o que havia aprendido. Com o salário de Berg eram pagas as aulas de Vingren, se alimentavam e ainda mandavam buscar bíblias dos Estados Unidos para vender em Belém.

Em 1913, quando chegou a Belém um grande carregamento de bíblias Berg decide, “juntamente com Vingren e outros irmãos”, que podia largar o emprego e se dedicar apenas ao trabalho de evangelização.

Alguns dias depois sai da fundição e passei a dar tempo integral à obra de Deus. Os primeiros dias dedicados a colportagem [venda de livros] foram reservados à cidade de Belém. O primeiro dia foi pleno de emoções. Levei na maleta somente algumas bíblias, achando que voltaria para casa à tarde com quase todas. Na primeira porta em que bati fui bem recebido, senti que Jesus estava presente, era o primeiro freguês que eu encontrava pela frente, e não podia deixar de comprar. Além disso, o serviço de colportagem dava-me oportunidade de conversar com as pessoas e de convidá-las para assistir aos cultos (BERG, 1972, p. 67-68).

Após fazer isso por algum tempo em Belém, Berg e Vingren decidem expandir o serviço para o Nordeste paraense, tendo como destino final a cidade de Bragança. O trabalho foi feito via Estrada de Ferro Belém Bragança. Já nas primeiras paradas nos pequenos vilarejos ao longo da estrada de ferro, Berg chegou à consideração que seu trabalho não seria tão simples quanto na capital. Ele comparou os vilarejos com o subúrbio de Belém e acreditava que ambos eram semelhantes no que refere à resistência ao evangelismo, pois:

Em geral, nas vilas e aldeias e onde quer que se concentre um aglomerado de casas, a igreja católica como instituição e o padre como pessoa são as forças predominantes em matéria religiosa ou profana. Em consequência desse absolutismo, o povo não se atrevia a tomar uma decisão acerca da fé. Para essa gente estava na ordem natural batizar-se quando criança, tal qual como tinham feito seus pais e avós. Não era esse um ato que a própria pessoa pudesse decidir por convicção; era uma tradição que se observava e nada mais (BERG, 1972, p. 82).

De vila em vila, Berg seguia vendendo bíblia, evangelizando, realizando curas e orientando as pessoas acerca de suas crenças “equivocadas” em torno de “ídolos”. Nas pequenas reuniões que conseguia organizar quase sempre tinha problemas com “os católicos”. A chegada à cidade de Bragança é assim lembrada:

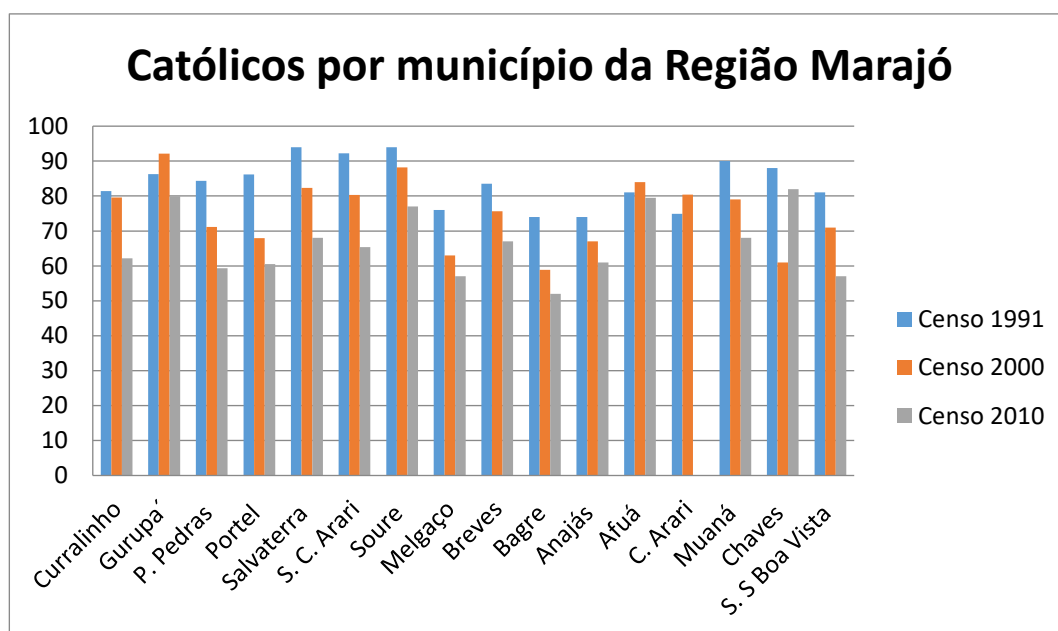
Cheguei ao centro da cidade de Bragança e procurei um lugar para descansar. Sentei-me em um banco, pois estava realmente muito cansado. Na noite anterior eu não havia dormido, pois ficara lendo a bíblia na casa daquele amigo que encontrei na estrada. Ali mesmo, sentado, agradei ao Senhor por me haver guardado na viagem e por ter aberto as portas ao seu Evangelho. Pedi-lhe que tornasse a população daquela cidade receptível à sua Palavra (BERG, 1972, p. 112).

4. ENTRE O ESPÍRITO SANTO E “ÍDOLOS”

A partir do livro de memórias de Berg e do diário de Vingren foi possível saber um pouco da relação entre católicos e evangélicos na capital do Pará nas primeiras décadas o século XX. Das incursões feitas pelos missionários pelos interiores da Amazônia são poucos os registros deixados, ainda assim, os poucos relatos são pistas importantes para se entender a relação entre católicos e evangélicos e entre os próprios evangélicos, sobretudo os batistas, nos primeiros anos dos pentecostais na Amazônia. Tensão, conflito e disputa são as impressões gerais que os relatos nos causam.

Se os relatos de Vingren e Berg, com toda sua parcialidade, nos falam do passado, a etnografia nos permite na atualidade visualizar situações e ouvir discursos, no intuito de entender a presença evangélica na região e sua relação entre si e com os católicos. A pesquisa realizada na Ilha apontou algumas direções. A primeira delas é que não se pode falar de uma recente presença evangélica nessa região da Amazônia, afinal, ela é principalmente ocupada por aquele pentecostalismo chamado por Freston (1994) de *clássico*, advindo da primeira *onda* que, nessa parte da Amazônia, chegou em 1911 com a fundação da Igreja Assembléia de Deus em Belém. Outro apontamento é que há um crescimento dos evangélicos, e uma grande proliferação do número de denominações a partir do final do século XIX e início do XX, ocorre, por outro lado, uma diminuição dos católicos. O gráfico abaixo nos mostra o decréscimo dos católicos no decorrer de três décadas, tal declínio foi acompanhado por uma crescente dos evangélicos.

Gráfico 2



Por ser a primeira que se difundiu na Amazônia a Assembléia de Deus é a denominação de maior expressão na região Marajó, não há cidade ou vilarejo que não tenha templos da AD, mas, a condição de mais antiga não a livra da necessidade de “disputar” fiéis com muitas outras denominações que chegaram posteriormente ao Marajó¹¹.

A memória local fala da presença da AD na cidade de Soure e na região do Furo do Tajapuru desde 1910, nos rios da região do município de Afuá a AD estaria presente desde 1914, em Ponta de Pedras desde 1927 e na região de Portel desde 1928.

Nessas cidades se proliferam denominações, quase sempre surgidas de cismas, muitas delas nem chegam a ser catalogadas, pois aparecem e desaparecem muito rapidamente.

¹¹As denominações presentes na área pesquisada são: Assembléia de Deus, Assembléia de Deus Mãe, Assembléia de Deus do Brasil, Assembléia de Deus Madureira, Assembléia de Deus Missionária, Igreja Internacional de Graça de Deus, Igreja Evangélica Pioneira, Igreja Cristã Evangélica, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Batista, Igreja Presbiteriana, Igreja Universal do Reino de Deus, Comunidade Evangélica Integrada da Amazônia, Igreja Mundial do Poder de Deus, Adventista da Promessa, Adventista do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová, Deus é Amor, Igreja Cristã do Brasil, Nova Aliança, Santuário de Deus e Igreja da Vinha.

Em Afuá há certo orgulho dos pastores das várias congregações da Assembléia de Deus, que se dizem fundados diretamente por Daniel Berg. Esse missionário teria feito viagem no ano de 1914 para localidade de Jupati, onde teria fundado um trabalho que, posteriormente, teria chegado à sede. Em Afuá, Daniel Berg teria erguido o primeiro templo, onde dizia os cultos no andar de baixo e habitava no andar de cima, na memória de seu Raimundo Nonato, dirigente da Assembléia de Deus na região de Afuá e Chaves aconteceu assim:

Ele morou e dirigiu os trabalhos aqui, ele é o fundador dessa igreja, primeiro ele chegou numa vila chamada Jupati, ele foi trazido pra cá por um senhor que ele deixou aqui como pastor chamado Crispiniano, trouxe em uma canoa, naquele tempo caldeira, passou pelo Jupati, lá dirigiu culto, esse cidadão tinha comércio... Até chegar aqui. Então ele chegou aqui se instalou e fez um templo, ele residia em cima, solteiro ainda, e dirigia culto em baixo... E quando ele saiu daqui ele deixou o Crispiniano e foi casar (Pastor Raimundo Nonato, abril 2010).

Nos relatos de Berg não há menção a Afuá, mas o mesmo adverte que pelo fato de ter escrito suas memórias 50 anos depois dos fatos ocorridos, se viu com muita dificuldade de lembrar nomes de pessoas e lugares. No diário de Vingren, Afuá aparece como localidade onde teria sido enterrado o corpo de Victor Jansson, “compatriota” de Vingren que após contrair uma “febre terrível” teria morrido e seu corpo teria sido enterrado no município de Afuá, no ano de 1923.

Apesar de bastante antiga, se considerarmos a versão nativa, a presença evangélica em Afuá não é forte, os dados dos censos de 1991, 2000 e 2010 já apontavam isso, 15, 3%; 13,7% e 18,7%, respectivamente, eram os percentuais de pertença evangélica. Por outro lado, é uma das cidades onde a relação entre católicos e evangélicos é das mais conflituosas. Perseguições no púlpito e altares fazem parte da relação dos cristãos em Afuá.

A grande razão para tanto conflito, segundo as vozes ouvidas, se explica pela forte resistência do antigo padre da cidade¹² aos evangélicos, assim como o combate desses últimos ao que eles chamam de “festa de imagem”, ao se referirem ao festejo

¹² Trata-se de Cleto Millan Agostiniano Reoleto que trabalhou em Afuá durante 12 anos. No final do ano de 2009 ele foi transferido para a cidade de Salvaterra, atualmente se encontra no município de Breves.

de santo mais importante da cidade, a festividade em honra a Nossa Senhora da Conceição, pafroeira local.

Tensão é a situação mais adequada para qualificar a relação entre católicos e evangélicos, não apenas em Afuá, mas na região como um todo. No caso específico dessa cidade há, os evangélicos acreditam que são perseguidos pelo padre que “usa” as “festas de imagem” para manter o povo no catolicismo, assim como lança mão de seu prestígio político local para fazer frente a qualquer iniciativa dos evangélicos, por outro lado, de forma geral, os padres acusam os pastores de serem proselitistas e não respeitarem os “campos de atuação” de cada religião.

O padre local se queixa que os evangélicos não se intimidam em ir “evangelizar” em casas onde está fixado cartazes da festa de nossa Senhora da Conceição. O cartaz demarcaria, segundo o padre, que ali é um território católico fato que bastaria para que não se tentasse convertê-los ao protestantismo; do outro lado, os pastores se queixam que não podem trabalhar em paz, pois já não podem adquirir terreno para construir uma igreja, dado a burocracia pelo poder público local, eles culpam a Igreja Católica, por usar sua influência na política local para prejudica-los, além de perseguir os convertidos.

A dificuldade de convivência não é de hoje, os primeiros convertidos nessa região afirmam que “era muito difícil” ser evangélico, pois havia muita resistência das pessoas para com os “crentes”, afirmam que as pessoas achavam que ser evangélico era “coisa muito ruim”. O clima de intolerância com quem se convertia, é relatado por dona Elza, moradora do município de Portel, umas das primeiras habitante do município a migrar do catolicismo para a Assembléia de Deus.

... Eu fui no Ceará, no Canindé, eu trouxe medalha, quadro de São Francisco e minha mãe era católica, católica, católica... e quando nós chegamos aqui [em Portel] nos tínhamos quadros de São Francisco, medalha... e minha tia dizia, ave maria nem leva isso pro Oscar, [seu tio] deus o livre o Oscar é crente... Nessa época tinha um velho aqui chamado Timpim, ainda não tinha padre aqui, era ele que rezava, que ia nas portas fazendo folia...ai passou o tempo nós fomos pro interior... ai nós a lá na igreja no Pacajaí, eu era menina e minha mãe dizia minha filha tu vai ser crente e eu dizia eu não, eu tinha raiva, raiva, ai um dia minha mãe se converteu ... e eu me converti no interior eu tinha doze anos...Nós chegamos aqui, nos sofremos muito... tinha as meninas aqui, a gente brincava...quando eu aceitei Jesus todas

ficaram com raiva de mim, tu não sabe o que eu já sofri na minha vida...(Dona Elza, 68 anos, entrevista em fevereiro de 2010).

Aqui vale lembrar as anotações do reverendo Holden, missionário norte-americano que esteve no Pará na década de 1960, segundo ele, era difícil pregar entre os “estrangeiros” e as “classes abastardas”, pois que eram “descrentes”, além disso, ele tinha que dar conta dos enfrentamentos com o D. Macedo Costa¹³, bispo há pouca, por estar evangelizando na cidade. Isso nos indica que a prática de evangelizar pelos interiores não foi mais fácil que na cidade.

Vingren e Berg relatam problemas com católicos, tanto leigos como sacerdotes, quando de sua chegada em Belém nas primeiras décadas do XX, mas não deixam de relatar essas mesmas resistências nos interiores também, Berg, inclusive, menciona que nos interiores a dificuldade de evangelizar era até maior que nas cidades visto clima de dominação que os padres exerciam nos vilarejos e pequenas cidades, na ausência de um padre, fato comuns no interior da Amazônia, havia sempre um leigo responsável pelo local.

Vingren registra que a perseguição era tamanha aos evangélicos por parte dos católicos que os primeiros chegaram a ser “malhados” como Judas na brincadeira de Malhação de Judas, no contexto das celebrações da Semana Santa.

Na atualidade, Dona Elza e outros antigos moradores relatam a interferência de Magalhães Barata¹⁴ em defesa dos crentes em situações em que estes últimos foram acusados de danificar imagens no interior de uma igreja católica nos anos de 1930, o episódio é relatado como um dos momentos mais críticos entre católicos e evangélicos na cidade de Portel, a intervenção do militar, que visitava a cidade à época, acalmou os ânimos dos católicos, ainda assim, segundo a memória local, “houve prisão de evangélicos”¹⁵.

¹³D. Macedo Costa nasceu no interior da Bahia, Maragogipe, em 1830. Em 1848 entrou para seminário da Bahia, foi lá que teve primeiro contato com D. Romualdo Antonio de Seixas, então arcebispo da Bahia, que no futuro lhe indicaria a D. Pedro II ao bispado do Pará. Esteve à frente do bispado paraense de 1861 a 1890. (AZZI, 1983, LUSTOSA, 1992).

¹⁴ Joaquim de Magalhães Cardoso Barata foi interventor no Pará no período de 1930 a 1935.

¹⁵Sobre a questão de quebra de imagens de santos são inúmeras as situações relatadas por Berg e Vingren em que os mesmos incentivaram a quebra ou a queima de imagens, chamadas por eles de ídolos.

A fala de vários de nossos interlocutores afirma que à época da chegada dos primeiros ventos evangélicos nessa região da Amazônia, era rara a presença de padres na região, os sacerdotes se faziam presentes nas sedes municipais e visitavam os lugarejos e vilas apenas por ocasião dos festejos dos santos e santas padroeiros, no entanto, na ausência dos mesmos havia sempre um leigo responsável por conduzir a vida religiosa católica, e o conflito então se dava não entre os sacerdotes, já que estes não existiam, mas entre pastores/missionários e leigos católicos.

O conflito do passado é entendido pelos dirigentes evangélicos atuais como produto de uma representação equivocada do que significava ser evangélico. No passado, segundo eles, ser “crente” significava uma “coisa atrasada”, “triste”, “se achava que crente não era feliz”, atualmente eles afirmam que devido às pessoas terem uma “mentalidade mais aberta” não há mais uma resistência tão grande aos evangélicos.

Essa “mentalidade mais aberta” é, segundo eles, tanto a causa como o efeito da grande difusão dos evangélicos. No Marajó ela se traduz pelo fato de que em alguns municípios, em cada família há pelo menos um membro evangélico em um lar católico. Por necessidade precisam aprender a conviver. Essa é uma pista para compreensão daquilo que os evangélicos da Ilha chamam de “relação harmoniosa” ou de que “cada um faz o seu trabalho”, ao se referirem aos campos institucionais.

Os problemas internos que as instituições religiosas, tanto evangélicas quanto católicas, dizem enfrentar localmente estão relacionados à concorrência que uma faz a outras. Mesmo essa relação sendo traduzida como não conflituosa já que cada um “faz seu trabalho”, as instituições reconhecem que parte de seus problemas é advindo da presença da outra forma religiosa, pois, apesar de os pastores reconhecerem seu grande avanço na região, os mesmos acreditam que ainda há muito trabalho a ser feito com os “descrentes” que, “se dizendo católicos”, na verdade não possuem religião¹⁶, por outro lado, os padres só conseguem visualizar as falhas em seu processo de evangelização quando se deparam com o avanço dos evangélicos nos arredores de sua paróquia.

¹⁶O grupo chamado sem religião pelo IBGE apresentam números bastantes reduzidos nos municípios da Ilha.

Agora a questão das igrejas evangélicas com certeza... que a falta dos padres... podemos dizer que a fraca assistência da parte dos padres, não é preguiça, mas por dificuldades e vocações, imagine, por exemplo, que hoje na paróquia seis ou sete padres são nativos, nascidos aqui, da terra, todos os outros são agostinianos ou nós três que somos da Polônia (Padre Gregório Trojan, Afuá, 2011).

A combinação de falta de padre nos vilarejos, fraca assistência dos mesmos para a membresia, talvez a preguiça e o fato de os padres serem estrangeiros e, portanto, alheios à cultura local, seria, na visão do sacerdote católico, a razão para a presença crescente dos pentecostais na região.

Enquanto não se tem solução para essa complexa questão de natureza estrutural traduzida pela ausência de padres ou pela formação distanciada do contexto local que os mesmos têm, cada instituição vai “fazendo seu trabalho” como pode; os padres se esmeram em disciplinar as festas de santo a seu modo ou de acordo com as determinações de seus superiores, e os pastores se preocupam em manter sua membresia sob controle do ponto de vista dos usos e costumes de cada denominação, em especial sobre as mulheres esse trabalho é bem forte. Assim, as territorialidades entre católicos e evangélicos vão se construindo sob elementos bastante frágeis.

ENTRE ESPÍRITOS SANTOS

Apesar de algumas querelas, o pensamento dominante entre os pastores entrevistados é de que a Igreja Católica é uma instituição que se encontra em “grave crise”, não sendo, portanto, uma “rival”. Já as igrejas evangélicas, estando em processo de expansão, não podem ser desconsideradas, segundo eles. Das mais antigas às mais recentes denominações, elas não param de crescer e não param de disputar membros intra território evangélico. O crescimento da denominação vizinha deve ser levado a sério, pensam os pastores, desconsiderar a importância de outras denominações religiosas evangélicas e seu crescimento em membresia, e, em certo sentido, ir contra a tese do crescimento de sua própria denominação; é como desqualificar o próprio eu.

Assim, ao mesmo tempo em que a ideia de crescimento gera um clima de euforia no meio evangélico, gera também uma grande expectativa acerca de qual denominação

será a “escolhida” pelos potenciais convertidos, se mantendo, assim, confortável nesse mercado de bens simbólicos.

Devido à diversidade de denominações presente na Ilha cada denominação evangélica se preocupa muito com seu desempenho em relação às outras denominações, Não tendo muito como diversificar é no ítem usos e costumes que percebemos como cada uma quer ser diferente da outra e, assim, ser competitiva. De modo geral são duas as formas de entender a questão dos usos e costumes pelas igrejas locais.

Para umas, chamadas localmente de “tradicionais”, com especial ênfase para a Assembleia de Deus, os usos e costumes foram determinados pela bíblia, estão escritos, e basta que os fiéis os siga, com o mínimo de mudanças ou adaptações. Essas denominações não se dizem rígidas, acreditam que “seguem as escrituras”; fazem questão que as mulheres tenham “zelo” com sua aparência mantendo os cabelos sempre longos e presos, saias abaixo do joelho, rosto sem maquiagem, ou qualquer “outra vaidade”. Atividades como futebol e itens como televisão não são recomendados, às vezes, dependendo do pastor, são até proibidas. Os pastores garantem que não obrigam ninguém a seguir tais costumes, pois as pessoas são livres para freqüentar a Igreja por um tempo como congregado antes de tomar a decisão da conversão.

A segunda forma de entender as relações entre usos e costumes diz respeito àquelas igrejas que acreditam que não é “a aparência da pessoa que importa”, mas o fato de ela “sentir-se à vontade”. Reconhecem que seguem a bíblia, mas que os “tempos mudaram” e que a igreja precisa acompanhar essas mudanças.

Desse ponto de vista partilham igrejas recém-chegadas à região, a exemplo da Comunidade Evangélica Integrada da Amazônia–CEIA, assim como igrejas pioneiras a exemplo da Igreja Cristã Evangélica. Ambas as formas de entender essa prática, tanto as muito rígidas como aquelas mais flexíveis são, segundo os responsáveis pelas denominações, pontos de atração para a membresia.

Se no passado, após se consolidarem em Belém, os missionários evangélicos iniciarem seus trabalhos de evangelização pelo interior, tendo como justificativa

o controle de leigos e sacerdotes ligados à Igreja Católica nos municípios de maior aglomeração, na atualidade os trabalhos de missão tem pouco foco nos interiores. As igrejas recentemente chegadas ao Marajó têm como alvo principal as sedes municipais, algumas delas não fazem questão de desenvolver trabalhos nos lugarejos às margens dos rios e escolhem estrategicamente a cidade em que vão se instalar, tendo em vista sua localização e número de habitantes.

Uma das explicações para o não trabalho nas zonas mais distantes das sedes municipais é a falta de pessoas que possam iniciar e tomar conta do trabalho de evangelização, afinal, manter um evangelista em temporada de evangelização inclui custos que nem todas as denominações podem manter. Além disso, tais denominações almejam fazer o caminho feito por Berg e Vingren, se instalar nas sedes municipais e, posteriormente, fazer trabalhos nas vilas e rios da região. Se no passado a alegação era de perseguição, na atualidade eles alegam que as cidades oferecem a melhor infraestrutura para manter uma denominação.

Mas o trabalho missionário em localidades distantes ainda é muito realizado, sobretudo pelas denominações Assembléia de Deus e Deus é Amor. Em minhas incursões a campo tive oportunidade de cruzar em duas oportunidades, nos barcos, com missionários em trabalho pelos interiores do Marajó, ambos da Assembléia de Deus. Eram homens, casados, convertidos há mais de uma década, sem trabalho fixo que ficavam temporadas de 10 a 15 dias e retornavam para a sede. Eles são enviados pelas denominações para auxiliar um trabalho recém-fundado ou mesmo para iniciar um novo campo em um lugar onde não haja evangélicos.

A vida religiosa nesses vilarejos é também bastante diferente daquela levada nas sedes municipais ou cidades maiores, onde as relações sociais são mais frouxas. Por serem espaços menores as relações são mais próximas e a vigilância e controle de uns sobre os outros também o é. Relato aqui a experiência que passei numa dessas vilas no município de Chaves, Marajó.

A vila Maranata fica localizada na Ilha Cavianinha no Rio Arrozal, mais ou menos a 9 horas de barco de Afuá. Formada por cerca de 20 casas, a vila se sustenta economicamente com a pesca do camarão, tiragem do açaí para subsistência, e corte do palmito para venda. As duas escolas na vila que atendem as crianças do lugar e

arredores ambas funcionam até o nono ano A denominação Assembleia de Deus chegou à comunidade em 1969.

Antes de chegar à Vila fui informada pelo pastor que todos os moradores da comunidade eram evangélicos, no entanto, à noite durante o culto para o qual fui levada, algumas pessoas presentes foram convidadas a “aceitarem Jesus”, o convite era dirigido para três ou quatro jovens mulheres que estavam sentadas na última fileira de cadeiras do templo. Elas não aceitaram o convite, mas continuaram até o final da celebração.

Como fui acompanhada pelos pastores de Afuá e da Vila, fui recebida pela comunidade com o mínimo de desconfianças. Chegando lá fui apresentada às pessoas e pude fazer algumas entrevistas, sempre na presença de ambos os pastores. Em algum momento fui procurada pela professora da Vila que, sabendo que se tratava de uma pesquisa acadêmica, se animou em ir conversar comigo, pois seu desejo, depois fiquei sabendo, era fazer um curso de especialização na cidade de Macapá-AP.

A professora conversou um tempo relativamente curto comigo, porém foi uma conversa extremamente reveladora; discuto dois pontos suscitados em sua fala: o primeiro diz respeito à forma como se conduz o processo formal de repasse de conhecimento numa comunidade de maioria evangélica, e o segundo ponto diz respeito às questões ligadas à identidade e cultura amazônica em situação de contato como universo evangélico.

A questão do repasse de conhecimento diz respeito às funções que a professora desempenha na comunidade, ela é ao mesmo tempo membro da denominação religiosa e professora da Vila. Convertida de uma família católica aos doze anos de idade, e casada com um ex-católico que se converteu recentemente, a professora diz não ter problemas para desempenhar sua função na vila, pois todos a vêem com “bons olhos”. Ela é moradora antiga da comunidade que saiu para estudar em Macapá e retornou para dar aulas. Graduada em História a professora diz não ter problemas em desempenhar seu trabalho, problemas mesmo, diz ela, enfrenta seu esposo, professor de Educação Física, pois ele não tem, segundo ela, muitos meios de desenvolver atividades com a turma, tendo em vista que suas alunas não podem usar shorts ou

outra roupa adequada à realização de esportes, além de que, qualquer outra atividade esportiva com bolas não é aceita pelos pais, pois a creditam que seus filhos estão sendo “desviados”¹⁷.

O segundo ponto que queria chamar atenção diz respeito também à educação, mas de uma forma mais ampla. Relaciona-se às crenças em entidades do sobrenatural como matintapereras, botos, encantados, entre outras, comuns no imaginário amazônico e o tratamento que o ethos evangélico dispensa a essas crenças locais. Na vila, a professora de História diz lidar bem com isso, dado o fato das pessoas “não acreditarem mais nessas coisas”, mas argumenta que aquilo que os católicos chamamos de “lendas”, para os evangélicos é “diabólico”, assim, a professora acredita que possa existir seres malignos que se aproximam e incorporam nas pessoas para fazer o mal. Ao terminar nossa conversa, ela me relatou, com bastantes detalhes, o ocorrido com uma conhecida sua: a moça, jovem mãe, acreditava que seu filho fora encantado por uma entidade das águas. Não é o caso de eu repetir aqui a história relatada, mas, a maneira como a professora guardava riqueza de detalhes da história, sua expressão quando narrava o suposto acontecido e a finalização dizendo que não sabia como tratar a questão, já que achava que a jovem mãe acreditava mesmo que seu filho fora encantado pelas águas, indicam certa partilha de crença entre a professora e a jovem mãe, ao final do relato, como que querendo justificar-se para si mesma, disse que o fenômeno do encante é citado pela bíblia.

Nesse mesmo dia em que conversei com a professora, ao final da tarde, estive com uma jovem de 18 anos, que segurava um bebê de cerca de três meses, estávamos no trapiche; conversávamos sobre seu namoro com um rapaz da vila, no meio da conversa a moça parou, virou-se para o bebê e o censurou por estar olhando fixamente para o rio. Perguntei a razão da censura e ela prontamente respondeu que “faz mal bebês olharem fixo pra água”, pois a “mãed’água” pode assustá-lo. A expressão da moça indica que mesmo com processos de conversão e de demonização de algumas crenças, o imaginário cultural amazônico permeado por

¹⁷No município de Portel ouvi declarações de alguns professores que eram verdadeiros desabafos, ele salegavam que em vilas distantes das sedes municipais o pastor das denominações em questão exerce verdadeiro monopólio sobre o conteúdo escolar, assim como sobre a escolha do/a professor/a que , os interlocutores dizem já ter ocorrido caso de o professor ser “devolvido” à Secretaria Municipal de Educação porque não estava ensinando o que o pastor queria.

bichos visagentos e entidades do rio e da floresta não desaparece, mesmo em espaços de intensa vigilância. Ela não utilizou nenhum termo diabólico para caracterizar a entidade, lançou mão do termo recorrente na crença dos ribeirinhos amazônicos para justificar seu ato.

Apesar da tensão entre padres, pastores e leigos que lutam pra afirmar suas posições e suas instituições, há bastantes continuidades e permanências entre evangélicos, católicos e adeptos de outras formas religiosas presentes na Ilha. No município de Melgaço conheci uma senhora que foi benzedeira a vida toda, benzia todo tipo de mal e era católica, ao se converter o pastor de sua denominação a aconselhou que parasse de fazer benzeção. Ela concordou, mas manteve seu trabalho apenas com crianças, ela argumenta não haver maldade nenhuma em realizar curas em crianças. Segue evangélica e benzedeira sem culpa.

Os dados verificados nessa parte da Amazônia, mais especificamente nos municípios da região Marajó, são diferentes daqueles verificadas por Harris (2006), em outra parte da Amazônia, na região Baixo Amazonas¹⁸. Ele verificou que nessa região há muitos conflitos entre católicos e evangélicos, são situações sérias que impossibilitam a permanência de famílias recém-convertidas em seu lugar de origem, obrigando as mesmas a migrar depois de sua conversão para outros lugares. Diz ele:

E levou algum tempo até que eu obtivesse uma explicação que fizesse sentido, já que essas famílias não haviam se mudado por causa da educação de seus filhos, por fim fiquei sabendo que estas famílias haviam se convertido para a Assembléia de Deus (em 1998) e foram forçadas a se mudar. Os protestantes convertidos (oito adultos, numa densa rede de unidades domésticas) tentaram viver em harmonia com seus vizinhos, católicos, e não devemos nos esquecer de que essas pessoas são todas intimamente aparentadas. Mas, no fim, a tensão subjacente cresceu muito. Os crentes solicitaram mudanças na escola, como a suspensão da execução do hino nacional (porque contém referências católicas), e passaram a se abster das atividades de lazer costumeira, como beber, fumar e assim por diante, eles não comiam mais os mesmo tipos de peixe, vestiam-se de modo diferente e não trabalhavam aos sábados. Todas essas diferenças provocaram um racha, que se tornou cada vez mais irreconciliável, assim as

¹⁸ A Região de Integração Baixo Amazonas é composta por 12 municípios (Santarém, Alenquer, Óbidos, Almerim, Belterra, Curuá, Faro, Juruti, Monte Alegre, Oriximiná, Prainha e Terra Santa). Localizada na Região Noroeste do Pará, a Baixo Amazonas apresenta-se entrecortada pelos rios Amazonas e Tapajós e pelas rodovias BR-163 (Rodovia Cuiabá-Santarém), PA-254 e PA-419.

famílias partiram e se juntaram a pequenas comunidades protestantes em cidades próximas (HARRIS, 2006, p. 96-97).

Na região do Marajó não foi verificado nada em relação a famílias que tiveram que migrar devido sua conversão religiosa, apesar de haver bastantes relatos que narram “tempos difíceis” no passado. Não verificamos também problemas com relação à alimentação ou às questões do resguardo do sábado como dia de descanso, especialmente com a denominação Assembléia de Deus, citada pelo autor.

Ainda sobre a área pesquisada por Harris, ele conclui que os ribeirinhos, por ele investigados, apesar de possuírem uma abertura cultural para as influências externas, “o protestantismo, para a maioria, é uma mudança demasiado profunda” (p. 98). Sobre os marajoaras não ousamos dizer o mesmo. Os dados levantados, a experiência de campo e a nossa memória de nativa nos informa que há bastante sagacidade nesses processos de conversão. A chegada do novo sagrado não gera rupturas com o sagrado do passado, mas acomodação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados levantados na pesquisa nos permitem afirmar que a presença evangélica na região Marajó remete à chegada dos missionários Vigren e Berg na capital Belém. 1911 seria o ano em que as primeiras conversões aconteceram e, ao longo de mais de cem anos a presença pentecostal se diversificou em variadas denominações, mas a AD se mantém como principal catalizadora de “crentes”.

A relação entre evangélicos e católicos, seja sacerdote ou leigo, é marcada por tensões, mas também por tolerância e criatividade, afinal as famílias precisam conviver com familiares e amigos recém-convertidos, às vezes no mesmo lar.

Os evangélicos habitantes dessa parte da Amazônia brasileira, em especial aqueles de conversão recente, partilham de crenças que estão para além da dimensão religiosa, crenças que estão no imaginário cultural há gerações e que se acomodam às crenças recém-chegadas do repertório evangélico, ocorrendo processos de acomodação que são mais bem observados na prática que nos discursos.

As pessoas têm se adaptado ao universo evangélico, mas o próprio universo evangélico tem se re-configurado para receber essas pessoas¹⁹. É possível falar de um evangélico marajoara amazônico que com criatividade e sutileza, muda de religião sem prejuízo de suas crenças relacionadas ao imaginário amazônico.

São necessárias pesquisas contextualizadas para que possamos conhecer esse vasto território que é a Amazônia Brasileira e as diferentes facetas de suas expressões religiosas em processo de mudança.

REFERÊNCIAS

BERG, Daniel. *Enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

BOYER, Veronique. *Expansion Évangélique et migrations en Amazonie brésilienne*. Paris: Karthala 2008.

BOYER, Veronique. *Expansão evangélica e migração na Amazônia Brasileira: O renascimento dos perdedores*. São Paulo: Unifesp, 2021.

CETRULO NETO, Francisco. *A igreja assembléia de Deus em Belém: buscando as determinações de sua origem*. 1994. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Pará/ Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. 1994.

DELGADO, Jaime Silva. *Nem terno nem gravata: as mudanças da identidade pentecostal assembleiana*. 2008. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Pará. Mestrado em Ciências Sociais. 2008.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In ANTONIAZZI et, al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HARRIS, Mark. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no mundo. In ADAMS, Cristina, MURRIETA, Rui & NEVES, Walter. (Eds). *Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006. p, 81-108.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Acesso em 18 out. 2022.

VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro Gunnar Vingren*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

¹⁹Sobre este assunto ver um estudo específico na Assembléia de Deus em Belém realizado por Delgado (2008).